



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO - CET

**TURISMO E ATIVAÇÃO POPULAR DO PATRIMÔNIO-
TERRITORIAL NO CENTRO HISTÓRICO DE PLANALTINA – DF**

BRUNA ROBERTA O. SANTOS

BRASÍLIA / DF

2020



**TURISMO E ATIVAÇÃO POPULAR DO PATRIMÔNIO-TERRITORIAL NO
CENTRO HISTÓRICO DE PLANALTINA – DF**

BRUNA ROBERTA O. SANTOS

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo - CET da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Orientador: Dr. Everaldo Batista da Costa

Brasília / DF

2020



**TURISMO E ATIVAÇÃO POPULAR DO PATRIMÔNIO-TERRITORIAL NO
CENTRO HISTÓRICO DE PLANALTINA – DF**

BRUNA ROBERTA O. SANTOS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Everaldo Batista da Costa (Orientador) – GEA/CET/UNB

Prof. Dr. Ilia Alvarado-Sizzo – (IGG-UNAM, México)

Prof. Dr. Vitor João Ramos Alves – (CET-UnB)

Prof. Mtre. Vinicius Maluly – (GEA-Gecipa-UnB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus pelo dom da vida e por ter me guiado durante a graduação. Sem Ele, eu nada seria.

Agradeço a minha mãe, Lêda, irmãs, Rhenata e Leidiani e, minha sobrinha, Maria Isabella, pelo apoio e companheirismo durante toda a jornada. Todos os meus sonhos e planos são direcionados a vocês. Espero que nosso amor, amizade e união seja sempre o que nos mantém de pé.

Agradeço aos meus cunhados, Roberto e Mauro.

Agradeço a Marcos Antônio, que nesses últimos meses vêm me apoiando, motivando e sendo um grande companheiro no caminho que estamos, e ainda vamos trilhar.

Agradeço aos meus amigos do CET, Félix Sousa, Isabela Velozo, Larissa Lopes, Natália Cristina, Raissa Soares e Ylana Rodrigues pelas boas risadas, aprendizados e amizade construída ao longo desses anos. Agradeço a Iara Anselmo pela companhia durante a construção do trabalho de iniciação científica, que inspirou essa monografia. Agradeço aos meus amigos do grupo GECIPA, que por vezes, foram meus exemplos e inspiração, em especial agradeço ao Vitor.

Agradeço a toda comunidade da Universidade de Brasília. Agradeço aos meus amigos graduandos e a todo o corpo docente do CET, em especial aos grandes mestres e referências Luiz Spiller, Neio Campos e Lívia Wiesinieski. Agradeço a Liliane.

Agradeço a minhas amigas Isabela Santos, Ludimila Lopes, Mariana Rodrigues e Thalya Lima que foram essenciais quando me vi perdida. Agradeço ao meu amigo e médico, Carlos, que foi mais que necessário no apoio e companheirismo nessa jornada.

Agradeço ao professor orientador, Everaldo Costa, pelos ensinamentos, “puxões de orelha” e inspiração no dom de lecionar, sem dúvidas foi e é um grande exemplo a seguir.

Agradeço a comunidade de Planaltina por serem tão cordiais e acolhedores durante a pesquisa.

Sobretudo, agradeço a toda minha família.

RESUMO

Algumas cidades do Distrito Federal passam por uma “negação” histórica e o descaso com sua cultura, diante da Brasília utópica e moderna. Planaltina é a primeira cidade do Planalto Central, rica de história e representatividade. A cidade passa pelo processo de presença marcante do povo e a ausência do governo. O objetivo deste trabalho é levantar e analisar o patrimônio material e imaterial do centro histórico de Planaltina - DF, para verificar uma possível *ativação popular de um patrimônio-territorial*, a partir dos sujeitos viventes na cidade. O trabalho se estrutura, primeiramente, na formação territorial de Planaltina, frente a Brasília modernista. Na sequência, debate os conceitos de *patrimônio-territorial* e *preservação sinérgica* e, por fim, cartografa os bens materiais e imateriais do centro histórico, que foram identificados como *patrimônio-territorial*, em síntese conclui-se construindo a ideia de turismo como uma prática integradora de preservação do patrimônio existente na cidade a partir dos sujeitos situados.

Palavras-chave: Planaltina – DF; Turismo; Patrimônio-territorial; Preservação.

ABSTRACT

Some cities in the Federal District are experiencing a historic “denial” and disregard for their culture, in the face of utopian and modern Brasilia. Planaltina is the first city in the Central Plateau, rich in history and representation. The city goes through the process of marked presence of the people and the absence of the government. The objective of this work is to survey and analyze the material and immaterial heritage of the historic center of Planaltina - DF, to verify a possible popular activation of a territorial heritage, based on the subjects living in the city. The work is structured, primarily, in the territorial formation of Planaltina, in front of modernist Brasilia. Then, it debates the concepts of territorial-heritage and synergistic preservation and, finally, maps the material and immaterial assets of the historic center, which were identified as territorial-heritage and, finally, concludes by constructing the idea of tourism as a integrative practice of preserving the existing heritage in the city from the subjects located.

Keywords: Planaltina - DF. Tourism. Territorial heritage. Preservation.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Trabalho de campo.	16
Imagem 2: Igrejinha de São Sebastião.	19
Imagem 3: Pedra Fundamental de Brasília.	20
Imagem 4: Festa do Divino Espírito Santo na Paróquia São Sebastião / Planaltina - DF....	21
Imagem 5: Candangos chegando para a construção da Capital.	22
Imagem 6: Casarões no centro histórico de Planaltina.	26
Imagem 7: Crianças da rede pública de Planaltina em visita guiada no Centro Histórico de Planaltina	31
Imagem 8: Aplicação de entrevistas, sede da AACHP.	32
Imagem 9: Idosos na “Pracinha do Museu” em frente à Casa do Idoso.	34
Imagem 10: Museu Histórico e Artístico de Planaltina.	34
Imagem 11: Casarão da Dona Negrinha.	35
Imagem 12: Casa de Câmara e Cadeia ou Casa do Artesão.	36
Imagem 13: Praça Cel. Salviano Monteiro, famosa “pracinha do Museu”	36
Imagem 14: Praça São Sebastião.	38
Imagem 15: Patrimônio-territorial do centro histórico de Planaltina - DF.	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Atividades e etapas da construção da pesquisa	16
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACHP	Associação dos Amigos do Centro Histórico de Planaltina
Cel.	Coronel
DF	Distrito Federal
ICOM	Conselho Internacional de Museus
NOVACAP	Companhia Urbanizadora da Nova Capital
PMAD	Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílio
RA	Região Administrativa

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO.....	5
ABSTRACT	6
LISTA DE IMAGENS	7
LISTA DE QUADROS	7
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	8
INTRODUÇÃO.....	10
JUSTIFICATIVA	12
OBJETIVOS	14
Objetivo geral.....	14
Objetivos específicos	14
METODOLOGIA.....	15
1. PLANALTINA: A CIDADE BERÇO DE BRASÍLIA	18
1.1. De Mestre D’Armas a Planaltina - DF.....	18
1.2. A resistência de Planaltina no contexto de Brasília modernista	21
2. PRESERVAÇÃO SINÉRGICA, PATRIMÔNIO-TERRITORIAL	27
2.1. Aspectos conceituais	27
3. ATIVAÇÃO POPULAR DO PATRIMÔNIO-TERRITORIAL NO CENTRO HISTÓRICO DE PLANALTINA - DF.....	32
3.1. Aspectos metodológicos	32
3.2. O patrimônio-territorial no centro histórico de Planaltina - DF	33
4. TURISMO E PRESERVAÇÃO SINÉRGICA NO CENTRO HISTÓRICO DE PLANALTINA - DF	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE	50
Apêndice I - Questionário de campo	50

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa traz em seu conteúdo um possível caso de preservação relacional ou sinérgica, de um lugar rico de vida, cultura popular material e imaterial e principalmente história territorial atrelada à formação do Distrito Federal, na perspectiva apresentada por Costa (2016; 2017). Planaltina carrega a marca da resistência à modernidade, a qual foi dinamizada no país com a chegada de Juscelino Kubitschek à presidência da República, com a ideia de uma nova capital, no entanto, “embora Brasília tenha sido concebida com vista a abrigar uma sociedade modernizada, a contradição mais visível em sua história está nas diferenças entre o seu planejamento e a sua realidade” (OLIVEIRA, 2020, p.43).

Existe uma relação de contradição socioespacial, nesse contexto, Planaltina se fez lugar de calma com ar interiorano mesmo no contexto de Brasília metropolitana, a cidade moderna, que fica a poucos quilômetros de distância. O Setor Tradicional da Região Administrativa VI, é relativamente negligenciado pelo governo e a população do DF como um todo. Porém, deve ser considerada a importância deste centro para o entendimento das peculiaridades históricas presentes no cotidiano popular, bem como para a economia local, “pelo valor consagrado pelo uso comum popular” (YÁZIGI, 2019, p.3). Nesse aspecto, é conveniente pensar formas estratégicas de integrar a comunidade local habitante do entorno do centro histórico ao mesmo, de modo a tornar efetiva a preservação patrimonial e favorecer uma *preservação sinérgica* que conduz, conseqüentemente, a uma espécie de inversão do centro para a periferia (COSTA, 2016; 2017) e valorização política e econômica, locais e cidadã, do acervo.

A proposta principal da pesquisa é realizar um levantamento e análise dos bens atrativos materiais (edifícios) e imateriais (festa e saberes populares) do centro histórico de Planaltina, os quais podem ser tratados como *patrimônio-territorial*, signo de resistência popular e objeto passível de valorização turística, desde que seja o interesse dos sujeitos locais. O projeto passa então a ter relevância, quando se preocupa em entender a linguagem do patrimônio histórico material e imaterial de Planaltina símbolo de resistência da periferia metropolitana, pois “o patrimônio [...] possui uma energia formativa, contudo, pode ruir, caso não haja entre ele e o ser uma relação ativa e viva” (FREIRE, 2019, p. 88).

O diálogo pela informação e educação patrimonial com os moradores, como defende Costa (2016; 2017), pode-se alcançar atores ativos e encorajados a valorar afetiva e economicamente seu patrimônio, em benefício primordial local, Santos (1996) ressalta que

o território é apenas uma forma, mas o território em uso, o território habitado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, ou seja, de vida e colaboratividade entre si, de troca mútua e recíproca com raízes, memórias e afetividades fincadas.

É importante esclarecer: a proposta do *patrimônio-territorial* refere-se a bens não declarados ou instituídos por agências de preservação; mas, para o autor, mesmo em centros históricos ou áreas declaradas, se determinados bens são apropriados e reconhecidos pela população vivente, este pode ser reconhecido, por totalizar a história do território e dos sujeitos a ele conectados, no devir.

JUSTIFICATIVA

No Brasil, temos conhecimento de muitos lugares que ficam às margens do fenômeno turismo e de outros que passam por grande demanda e massificação. Em Brasília, Distrito Federal, a atenção é voltada de forma localizada ou restrita ao Plano Piloto, pelo seu centro tombado e preservado o que implica em “confrontar a realidade urbana do DF como um todo, marcado pelo adensamento populacional devido a verticalização dos seus vários núcleos habitacionais” (OLIVEIRA, 2020, p. 45). Por isso, é oportuno analisar casos como o de Planaltina - DF, Região Administrativa (RA - VI), negada histórica e politicamente pelo Estado no que tange suas singularidades, como seu patrimônio.

Há de considerar que existe a ausência do Estado e a presença muito forte do povo resistente, sobretudo a Associação Amigos do Centro Histórico de Planaltina, que é a principal gestora na cidade que cuida e preserva este meio. Com Brasília, próximo a Planaltina e sua arquitetura chancelada pela Unesco, valores culturais e memoriais distritais são esquecidos. Diante disso a valorização patrimonial, como o tombamento do Plano Piloto, é algo aplicado como uma imposição e a valoração afetiva, como os usos e ligação dos habitantes de Planaltina, que traz o envolvimento da comunidade com o bem cultural, está à margem desse processo de valorização (FREIRE, 2019). Por isso, é pertinente compreender os usos, desusos, objetos, tradições, ritos, festas, habitações, envolvimento e alianças presentes nos territórios desprezados pela modernidade fantasiosa imposta analisando bens que podem ser tratados como *patrimônio-territorial*, por meio do *patrimônio-territorial*, signo de resistência e luta, a serem reconhecidos como potencial e empoderamento da comunidade de Planaltina.

O *patrimônio-territorial* se faz presente no modo de vida das pessoas mais velhas, nas ruínas (antigos casarões), nos costumes, nas religiões, no seu centro histórico e fora dele, nas festas populares localizadas. E a ativação deste por meio da comunidade e do turismo pode ser potencial para que o patrimônio não seja destruído, perdido ou bruscamente transformada sua essência em uma lógica de preservação que distância o cidadão autóctone (COSTA, 2016; 2017). O *patrimônio-territorial*, ainda que se faça na relação de coletividade e convivência da comunidade, pode ser um patrimônio cultural ou não, mas que aqui se torna cultural pelo valor que é dado a ele, pelo sentido afetivo, por ser material ou não, mas que é preenchido de cultura, de afeto, de apego e amor pela comunidade local (FREIRE, 2019).

O apontamento de bens que podem ser tratados como *patrimônio-territorial*, no centro histórico de Planaltina, com os moradores frequentantes do centro, objetiva o levantamento de uma possível *preservação sinérgica* tendo o turismo como um aliado, claro se os moradores forem favoráveis a atividade em seu meio, como trata Costa (2017, p. 68): [...] assim, o utopismo *patrimônio-territorial* demanda outro pensamento e prática do turismo, que resista aos feitiços do capitalismo e à magia dos meios de comunicação (que divulgam um ideal de lugares e de lazer marginalizantes do *patrimônio-territorial*). Por isso, a atividade turística não tem como finalidade a geração de renda e economia, mas sim o enaltecimento do que resiste como referencial de memória espacial local.

Em todo o território de Planaltina existem bens materiais e imateriais institucionalizados e não institucionalizados, como a Festa do Divino Espírito Santo; a Via Sacra; a Pedra Fundamental; a Igreja de São Sebastião; o Vale do Amanhecer; a Praça Cel. Salviano Monteiro; e o Museu Histórico e Artístico de Planaltina; que ainda assim não tem a atenção merecida pelos governantes e pela população local, mediante a falta de conhecimento da importância deste patrimônio.

OBJETIVOS

Objetivo geral

- Levantar e analisar o patrimônio material e imaterial do centro histórico de Planaltina - DF, para verificar o potencial turístico de uma *preservação sinérgica*, a partir dos sujeitos vivos no centro e nos bairros da cidade.

Objetivos específicos

- Compreender a formação territorial de Planaltina, no contexto do DF;
- Debater os conceitos de *preservação sinérgica* e *patrimônio-territorial*;
- Apontar no centro histórico da cidade bens que podem ser tratados como *patrimônio-territorial*;
- Estimular o turismo como uma alternativa à *preservação sinérgica* do patrimônio, com o protagonismo dos sujeitos locais.

METODOLOGIA

A metodologia do presente trabalho está de forma resumida no Quadro 1. Trata-se de uma construção teórico-metodológica que consiste em leituras bibliográficas dentro da temática abordada e trabalhos de campo de observação participante no território do centro histórico de Planaltina - DF que auxiliarão no levantamento e análise do patrimônio material e imaterial.

Tal construção se baseia na proposta teórico-metodológica de Costa (2016; 2017; 2018), quando apresenta a ativação do *patrimônio-territorial* em prol da protagonização dos povos subalternizados latino-americanos. Em Costa (2016, p. 15) há a proposta de:

[...] identificar empreendedores situados, estabelecer diálogos comunitários, buscar apoio às instituições de cultura e ensino [órgãos de preservação patrimonial, museus, escolas e universidades], verificar o possível junto a administração municipal e, sobretudo, catalogar/cartografar o potencial de cada lugar na oferta de atrativos situados, elaborando conexão informacional-móvel com bens patrimoniais consagrados.

Em um primeiro momento foi organizado o projeto de pesquisa e foi feita uma revisão bibliográfica para compreender conceitos fundamentais como: patrimônio, patrimônio cultural, território, turismo e *patrimônio-territorial* que desencadeia conceitos como *preservação sinérgica* e ativação do *patrimônio-territorial*. Esse momento contou com a leitura de autores como Santos (1994, 2000, 2007), Moesch (2002), Dencker (2012), Freire (2019), Oliveira (2020) e todo o caminho de Costa (2016, 2017, 2018).

O segundo momento da pesquisa, onde ocorreu as saídas de campo, consistiu em duas partes. A primeira onde aconteceu visitas ao Arquivo Público do Distrito Federal para coleta de registros acerca da história de Planaltina em seu contexto na construção de Brasília, e saídas de campo em observação para criar a sinergia com a comunidade e compreender sua relação com o patrimônio do centro histórico de Planaltina-DF. Já na segunda parte, os campos foram feitos de forma analítica, qualitativa e exploratória, pois foram aplicados entrevistas semi-estruturadas com moradores e frequentantes do centro, bem como líderes da comunidade como membros da AACHP. Foram feitos registros fotográficos do centro histórico, do meio em que se dá a aproximação da teoria com a realidade.



Imagem 1: Trabalho de campo.
Fonte: Acervo Pessoal.

A construção da pesquisa se baseou nas seguintes etapas que podem ser observadas no quadro abaixo:

Quadro 1: Atividades e etapas da construção da pesquisa

ETAPA	DESCRIÇÃO
Revisão bibliográfica	Foram indicadas ao longo da pesquisa leituras e todo material lido foi fichado e digitalizado ou manuscrito.
Campo de observação	Foram realizados de 3 a 5 campos de aproximação à comunidade local, onde foram indicados os principais bens do conjunto urbano da cidade e, posteriormente, identificados aqueles bens que foram mapeados como <i>patrimônio-territorial</i> .

ETAPA	DESCRIÇÃO
Campo em profundidade	Foram realizados campos na R.A para aplicação de entrevistas e coleta de depoimentos de moradores, para análise da percepção dos mesmos com relação ao centro histórico e a atividade turística, que poderá se fazer presente no território.
Visitação e pesquisa no Arquivo Público do Distrito Federal	Coleta de documentos para análise de informações a respeito da formação do Distrito Federal e da formação da R.A.

Fonte: Elaborada pela autora.

Logo, ocorreu realização de fichamentos, resenhas críticas de textos e livros selecionados; trabalhos de campo; elaboração de entrevistas aplicadas aos moradores e depoimentos orais; bem como visita ao entorno do Centro Histórico e ao arquivo público do DF; e a sistematização dos dados colhidos ou observados em cada visita, para elaboração de cartografia.

E por fim, o terceiro e último momento da pesquisa consistiu na análise dos dados coletados, das fotos registradas, tudo de forma qualitativa, ou seja, a análise dos dados não tem fim estatístico, e se analisa o conteúdo e densidade do discurso do autóctone. Os questionários são semi-estruturados e tem caráter denso onde a oralidade e a convivência do morador são valorizadas. As informações colhidas foram estudadas, filtradas e sintetizadas para atingir o objetivo geral. Toda a revisão bibliográfica, na qual as leituras obrigatórias foram fichadas, auxiliou na composição teórico-metodológica.

1. PLANALTINA: A CIDADE BERÇO DE BRASÍLIA

1.1. De Mestre D'Armas a Planaltina - DF

“Planaltina cidade pioneira, velho berço de um novo porvir. É de ti que a nação brasileira viu Brasília nascer a sorrir”.

(Refrão do hino de Planaltina)

Brasília ainda era um sonho de Juscelino Kubitschek quando Planaltina, antigo Arraial de São Sebastião de Mestre D'Armas, já era uma cidade encontro de estradas que ligava a região centro-oeste a Salvador, Luziânia e Formosa (SILVA, 2016). A cidade com seus quase 200 anos é a cidade mais antiga do Distrito Federal que conta até os dias atuais com casarões de adobe e festas religiosas tradicionais, o que a torna peculiar e resistente por estar tão próxima da capital moderna.

A Região Administrativa (R.A) VI, antes de se consagrar como tal, era conhecida como Arraial de São Sebastião de Mestre D'Armas e só se consagrou Planaltina após a edificação da Capital Federal do Brasil, Brasília. Durante a pesquisa houve dificuldade na busca de registros documentais acerca da cidade, portanto, a oralidade de moradores e a referência de Silva (2016) ajuda no entendimento. Vale destacar que a oralidade dos moradores foi valorizada durante todo o processo.

Segundo Silva (2016), em meados do ano 1810 a população de Mestre D'Armas foi pega por uma doença a qual não sabiam a causa e nem a cura, o que levou o povoado a buscar a fé para obter a cura. Nesse intuito, fizeram uma promessa a São Sebastião, o Santo Padroeiro da cidade, de que doariam um terreno para ser construída uma capela em devoção e agradecimento ao Santo. Com o passar do tempo, a comunidade mediante sua fé no Santo, é curada e, como pagamento da promessa feita, realiza-se uma celebração solene para entrega das terras para ser construída a capela em honra ao padroeiro. E, assim, a edificação da cidade é feita em torno da capela São Sebastião.

A partir da socialização dos moradores com a construção da capela foram criados laços entre as famílias o que evidencia o surgimento da cidade num momento posterior ao arcaico, seu povoamento está diretamente ligado às dinâmicas de formação, estruturação e consolidação das fazendas (SILVA, 2016). Portanto, a cidade é edificada pela solidariedade

e laços criados pelos moradores na devoção ao santo São Sebastião e pela prestação de serviços entre os moradores.



Imagem 2: Igrejinha de São Sebastião.

Fonte: Acervo pessoal.

Assim sendo, o antigo Arraial de São Sebastião de Mestre D'Armas, e atual Planaltina, é uma especificidade dentro do Distrito Federal, pela sua formação territorial que antecede a construção da Capital Federal do Brasil. A R.A VI é a mais antiga do Planalto Central e carrega em si a história sertaneja que, com a chegada de Brasília, passa por diversas mudanças e lutas para manter de pé o seu patrimônio, vivendo na linha tênue entre o tradicional e o moderno.

A história de Planaltina e Brasília se embaraçam. Em 1892, a Comissão de Louis Ferdinand Cruls, denominada Missão Cruls, passa pelo Brasil, a fim de demarcar o quadrilátero que seria sede da futura capital do país. Em 1922, o então presidente da República, Epitácio Pessoa, determinou o assentamento da Pedra Fundamental da Futura Capital da República, tal marco histórico liga diretamente a história de Brasília com a história de Planaltina, é um elo. Durante o trabalho de campo e realização de entrevistas, a fala de um morador planaltinense trata este ponto e destaca: “todo brasileiro é planaltinense, justamente por Planaltina hospedar a Pedra Fundamental de Brasília, que é o Brasil, que é um marco histórico nacional”¹. Após o assentamento da Pedra Fundamental, os moradores

¹ Entrevista cedida à autora por R.O, em novembro de 2018.

da pequena cidade começaram a viver na esperança de dias melhores e progresso que seriam trazidos pela nova capital federal, sonhada e idealizada por Juscelino Kubistchek.



Imagem 3: Pedra Fundamental de Brasília.
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

De acordo com Oliveira (2014), sem explicações, em 1967, o Estado alterou a data de comemoração da inauguração da cidade de 20 de janeiro, data celebrada desde 1811 pelo dia do padroeiro São Sebastião, para o dia 19 de agosto nos termos do disposto no artigo 2º do Decreto “N”, nº 571 de 19 de agosto de 1967. O território de Planaltina pertenceu ao município de Santa Luzia até 1886, quando passou a pertencer a Formosa. Foi separado em município autônomo em 28 de fevereiro de 1892. Mestre D’Armas foi elevado à categoria de Vila em 19 de março de 1891. Em 14 de julho de 1917 pela Lei nº 451, a cidade passa a se chamar Planaltina, que significa o “coração do Planalto Central” (CODEPLAN, 2016).

Na conjuntura do Distrito Federal, Planaltina fica situada ao norte, a aproximadamente 40km do Plano Piloto, onde divide limite com as cidades goianas Planaltina de Goiás e Formosa. Sendo uma das cidades mais distantes do Plano Piloto, conforme dados da Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílio - PMAD (CODEPLAN, 2015), a população da cidade totalizou 100.262 habitantes. A cidade tem um grande potencial de ecoturismo e turismo cultural, visto que conta com um rico número de cachoeiras e guarda a peculiaridade de seu centro histórico onde existem casarios da era antiga que compõem um acervo rico de

cultura e memória local. Além do mais, Planaltina é repleta da memória goiana com suas festividades, como a Festa do Divino e a Via Sacra que agrega anualmente milhares de turistas.



Imagem 4: Festa do Divino Espírito Santo na Paróquia São Sebastião / Planaltina - DF

Fonte: <https://visitebrasil.com.br/noticia/planaltina-recebe-a-tradicional-festa-do-divino-espírito-santo/>
acessado em: 27 jan. 2020.

Planaltina, a cidade “mãe” de Brasília sofre, atualmente, o descaso do governo e, até mesmo, de seus moradores e habitantes do Distrito Federal. Brasília ofusca sua história e marca o nascimento de um novo Brasil que não tem passado, Planaltina, em sua *exceção territorial*, se torna resistente a modernidade e aos processos sofridos por essa barbárie de descaso e segregação histórica.

1.2. A resistência de Planaltina no contexto de Brasília modernista

Em meados dos anos 50, com um discurso nacionalista e modernista, o presidente Juscelino Kubistchek traz a promessa da construção de Brasília como forma de exaltação de seu governo e promessas para moradores de várias cidades do Brasil.

A intenção da construção de Brasília era inovar e não significava nada menos do que uma nova fundação do Brasil, a cidade sonhada trazia em si mitos e promessas à utopia de trabalho e moradia àqueles que vinham migrados de outros estados. A ideia era a inauguração de uma cidade sem uma história de construção e ocupação, como trata Holston (1993), Brasília tinha de negar o Brasil existente. Brasília representava inovação em todos os sentidos de desenvolvimento, era uma cidade pensada para o futuro, não focada nas condições

presentes daquela época (HOLSTON, 1993). E, por isso, causou comoção no povo brasileiro que migram de outras regiões, sobretudo Nordeste, Sudeste (Minas Gerais) e Goiás (Goiânia), em busca de emprego, boas condições de sobrevivência, moradia e o desejo de fazer parte do marco histórico nacional.

Com todas as propagandas na imprensa por meio de jornais, rádios e programas de televisão, o discurso moderno de Juscelino Kubitschek toma força e os candangos começam a chegar no Planalto Central e começam a trabalhar na edificação da nova Capital Federal. Todavia, Brasília representava o “novo”, por isso, não deveria ter registros de memórias da construção o que ocasionou na expansão de acampamentos ilegais em torno do Plano Piloto que, inicialmente, era um canteiro de obras e não abrigaria todos os imigrantes trabalhadores.

O discurso da participação (na construção dessa identidade) era contraditado pelo plano do regime de incorporar diferencialmente as primeiras populações de Brasília: procurava recrutar grande número de pioneiros que, ao fim e ao cabo, seriam excluídos da cidade que construíram (HOLSTON, 1993, p. 207).

No entanto, Brasília ressalta que o Brasil é vítima de uma modernização precária, o que se torna fato quando seus construtores são negligenciados e formam as primeiras cidades-satélites do Distrito Federal (COSTA & PELUSO, 2013).



Imagem 5: Candangos chegando para a construção da Capital.

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Após a construção da capital os candangos se viam sem rumo pois a capital não tinha intenções de abrigá-los, segundo Holston (1993, p. 200), “negando aos operários da construção direitos de residência, pretendia evitar que o Brasil por eles representado fincasse raiz na cidade inaugural”. Tal decisão ocasionou que pioneiros e candangos se unissem

juntamente com suas famílias em busca de o mínimo para sobrevivência, a moradia. Assim, foi dada a consolidação do Distrito Federal, o que antes era apenas acampamentos provisórios ganha força pela luta e resistência dessas pessoas e se tornam as Regiões Administrativas, com o passar dos anos. Vale ressaltar as cidades mais antigas que se consolidaram pela luta, como Núcleo Bandeirante (antiga Cidade Livre), Taguatinga e Ceilândia (cidades com maior número de nordestinos do DF) e Planaltina que ainda hoje luta pela autenticidade de seu lugar e boa convivência com o moderno trazido por Brasília.

Brasília é berço de uma pluralidade social, os candangos e pioneiros vieram de várias partes do Brasil, eles vieram em busca de emprego, maior renda e acesso a serviços básicos como educação e saúde. Por meio do trabalho, da resistência, do reconhecimento e empoderamento destes como parte do Planalto Central, se consolidou o território do Distrito Federal. Hoje, Brasília conta com 31 Regiões Administrativas com potenciais turísticos e valores históricos culturais que merecem devida atenção e reconhecimento, como o caso de Planaltina, a cidade que já se encontrava no Planalto Central antes da chegada da capital e é rica de história, representatividade e um marco de resistência a modernidade imposta por Brasília.

As marcas da resistência de Planaltina à modernização surgem quando Juscelino Kubitschek decidiu transferir a capital para o centro país e, sobretudo, do o assentamento da Pedra Fundamental do DF em seu território; O povo planaltinense são os antecedentes da história de Brasília dentro do Planalto Central, porém cada vez mais a história moderna concreta a história real tradicional; infelizmente, Brasília não soube reconhecer o valor histórico-cultural que Planaltina teve, e tem para a capital. Planaltina é a R.A do DF que vive no risco entre o tradicional e o moderno, o que torna a cidade peculiar e esplêndida. Sua formação em relação às demais cidades do Distrito Federal é dada em um outro contexto pois antecede a história de construção de Brasília o que ocasiona nas diversas articulações de seu território em prol da Capital Federal.

Segundo Oliveira (2014, p. 29):

[...] a ocupação de Planaltina foi modificando antigos costumes do povo goiano. A posse das terras nessa região era tradicionalmente organizada a partir das relações de parentesco. Depois da inauguração de Brasília, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP) passou a desapropriar terras, vendê-las e a distribuir áreas públicas e privadas. As mudanças ocorridas em Planaltina alteraram a organização dos espaços e das relações sociais.

Com a passagem da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil (1892), liderada por Louis Cruls, Planaltina, assim como o restante do Brasil, se deslumbra com o novo e começa a viver na expectativa de mudança e desenvolvimento - fincado pela lógica exploradora do capitalismo -. Após esse marco histórico a vida do planaltinense é alterada de forma branda e decisiva, seria necessário abrir mão de costumes, cultura, tradições e até mesmo suas terras e fazendas pois aquele que relutava contra a doação de terras ou valores de venda era tido como ignorante.

As pessoas que iam sendo abordadas discutiam preços com os governantes e aceitavam, até porque para nós que morávamos aqui em Planaltina, parecia que era uma determinação, ninguém podia ser contra ninguém era contra a desapropriação [...]. Uma imposição que não tinha retorno, por isso mesmo que muitos aqui achavam que não deviam, torceram para as fazendas ficarem fora do Distrito Federal. Eu me lembro da alegria do meu pai quando ele soube que a nossa fazenda ficava a mil metros da divisão do Distrito Federal, do lado de fora, eu me lembro da alegria que ele teve “Puxa vida, minha fazenda está fora do Distrito Federal” porque a gente esperava essa imposição, porque já estava se trabalhando com essa ideia da desapropriação das terras e que muitas vezes pagavam o que queriam, que era uma imposição, pronto, ali é a área de importância nacional é a capital do Brasil, quem é que vai dizer contra alguma coisa? Ninguém diz nada, povo humilde, pobre do interior, que mal conhece as leis (CASTRO, 1999, p.10).

Diante da consolidação de Brasília e a formação das demais Regiões Administrativas do Distrito Federal, Planaltina ainda encontra forças e esperança para a manutenção de seu rico passado histórico e tradicional. Brasília, por marcar a chegada do novo, do moderno no país, ofusca involuntariamente o passado pois a mesma é ausente de passado, “embora o essencial pese a favor do ‘moderno’, o conteúdo histórico adquirido pelo ‘antigo’ [...] teve muito peso na luta travada pela emergência de novos valores modernos” (LE GOFF, 1990, p. 170). É necessário entender a linguagem do patrimônio histórico material e imaterial de Planaltina como um símbolo de resistência a colonialidade que foi imposta pela transferência da capital do Brasil para o interior.

Com a edificação de Brasília, é tido a sensação de que não havia nada na região interiorana do Goiás e que a história deveria ser contada a partir da sua implementação. Isso faz com que Brasília apague a história e a identidade de Planaltina, bem como de outras cidades goianas. Planaltina, hoje, vive na dualidade entre o antigo e o moderno, é uma cidade que mesmo com toda ideia de progresso a partir da modernização que Brasília trazia, manteve e preservou seus valores e raízes. A tradição e a modernidade são visíveis pelo modo de vida das pessoas e concretizadas nas construções e ruas, Planaltina “é a matriarca do Distrito Federal. Suas igrejas, casarios, ruas confirmam que ela é uma velha senhora, com um respeitável passado” (GDF, 1985, p. 15).

O contexto em que Planaltina se dá com a *rugosidade*² de seu centro histórico, que é palco de saberes e fazeres locais, mostra a força da cultura popular na resistência à homogeneização do território o que valoriza o efeito exógeno. A comunidade local se reúne com mostras culturais, shows locais, atos religiosos, festas, feiras e até mesmo com a refuncionalização de casario mostrando que “a resistência acontece não só quando se procura relembrar a história [...], mas também quando se inova no sentido de se preservar a solidariedade orgânica” (MANETTA, 2017, p. 86). O conjunto cultural do centro histórico de Planaltina, seu museu a céu aberto, abrange “o conjunto das edificações tombadas, a composição da paisagem cultural, as relações sociais deste espaço e os significados do patrimônio e da memória coletiva” (FIGUEIREDO, 2013, p. 58).

É possível dizer sobre a R.A VI que ali figura, em setores, a ausência do governo em relação a políticas públicas de preservação e conscientização patrimonial-cultural é confrontada pela presença marcante do povo na busca de alternativas ou resistência a modernidade imposta anos atrás, em defesa do seu patrimônio. O processo de modernização marcado em 1960 com a inauguração da capital modernista atribui a Planaltina uma espécie de exceção, trazendo o estigma socioespacial de marginalização. Territórios carregados de símbolos históricos, como arte, religião, ruínas, saberes e até mesmo as lembranças de sujeitos situados mais velhos; é “perpétua resistência local, pois é parte integrante de sujeitos em situação permanente com o espaço; é cultura, matéria, idéia e memória viva individual e coletiva, patrimônio periférico já existente a ser ativado ou não” (COSTA, 2017, p. 59).

² Santos (1996) trata rugosidade como um marco de memória material e imaterial em determinado lugar. Esta se dá de acordo com as dinâmicas espaciais onde antes determinados espaços no território são refuncionalizados em contextos diferentes da sua criação original de acordo com sua realidade.



Imagem 6: Casarões no centro histórico de Planaltina.

Fonte: Acervo pessoal

Ainda que Brasília tenha rompido com o passado para ter seu progresso e modernização, Planaltina se deslumbra com o novo e preserva o antigo pela sua historicidade tradicional e sua herança goiana. Planaltina é uma cidade histórica peculiar dentro do Distrito Federal, mas que relativamente é negligenciada pelo Estado-mercado que valoriza o Plano Piloto. Por isso, faz-se necessário o olhar para esse território, a fim de valorar o efeito endógeno, de dentro para fora, integrando a comunidade local com seu centro a partir da ativação popular do *patrimônio-territorial*.

2. PRESERVAÇÃO SINÉRGICA, PATRIMÔNIO-TERRITORIAL

A América Latina foi brutalmente colonizada pelo modelo Europeu de extorsão e exploração que se baseia na lógica moderna. Como efeito disso, tem-se resquícios na atualidade de lugares e territórios segregados e conseqüentemente, estigmatizados. No entanto, é na relação segregadora de comunidades e o Estado que se criam resistências com cultura local e representatividade a partir de suas histórias e memórias. Para valoração do efeito endógeno e ressignificação dos valores culturais dos oprimidos na América Latina, Costa (2016; 2017) traz a noção teórico-metodológica de *utopismos patrimoniais latino-americanos* que contrapõe o sentido degradante da modernidade ou de práticas decorrentes, capazes de minimizar o valor da cultura local para o lugar. A utopia é necessária para pensar além do presente mudando realidades impostas.

2.1. Aspectos conceituais

A modernidade imposta pelo sistema capitalista vigente fincado no eurocentrismo é pensada na escala global, sendo necessário olhar, mais atentamente, a partir da escala local, onde sujeitos situados são negligenciados e desvalorizados. A construção real e imaginária da América Latina é travada pelo colonialismo e pela colonialidade. O colonialismo é dado pela exploração dos recursos e povos no trabalho por agentes de identidade e territórios externos, trata Souza (2019, p. 4):

Quanto ao colonialismo, trata-se da política de exercer o controle ou a autoridade sobre um território ocupado e administrado por um grupo de indivíduos com poder militar, ou por representações do governo de um país ao qual esse território não pertencia, contra a vontade de seus habitantes que muitas vezes são desapossados de parte dos seus bens (imóveis, terras aráveis, pastagens) e de eventuais direitos políticos que detenham.

A colonialidade é dada no colonialismo com o capitalismo moderno eurocêntrico, trata Costa (2016, p. 9): “O *patrimônio-territorial* identifica e ilumina a cultura barbarizada pela presente colonialidade, julgando os subalternizados latino americanos como necessários à escrita da nova escrita história continental”.

O *patrimônio-territorial* quer romper com a lógica de modernidade eurocêntrica, e estimular e valorar outras práticas culturais no contexto da globalização, estas que podem valorar a história, recuperar valores memoriais, localizar e dar sentido moderno à América Latina. O *patrimônio-territorial* se encontra no território e na cultura local e herdada, mais forte e capaz de difusão, por ser baseado “no território, no trabalho e no cotidiano, ganha a

força necessária para deformar, até mesmo, o impacto da cultura de massas” (SANTOS, 2009, p. 145).

Costa (2016, p. 3) conceitua:

[...] o utopismo patrimônio-territorial latino americano enfatiza bens a serem preservados e difundidos assegurados por prestígio adquirido na história das barbáries da própria modernidade. Denuncia, se apropria e perverte simulações impostas à história cultural latina [...]. Esse utopismo dá voz aos indígenas, às mulheres, aos pobres urbanos; legitima a diversidade das memórias nacionais e acusa dismantelamentos por guerras e ditaduras [...]. O patrimônio-territorial protagoniza antigos subalternos na nova história latino-americana e se concretiza nas memórias urbanas e rural continentais.

O *patrimônio-territorial* é síntese da história do território, significa territorialidades e lugares. Para Haesbaert (2007, p. 22),

[...] a territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar.

Territorialidade envolve as relações desenvolvidas a partir do sentimento de pertencimento que reflete no viver coletivo de apropriação da sociedade. Santos (1994) diz que um território é reconhecido pelas ligações existentes de pessoas que vivem, trabalham, habitam, têm suas práticas culturais e religiosas, ou seja, é o palco das relações humanas o que gera o sentimento de pertencimento do indivíduo. Ou seja, o *patrimônio-territorial* é fincado na prática da vida e a existência de todos (SANTOS, 2009).

O sentido de um território pode ser apreendido pelos seus usos e apropriações (COSTA & MOESCH, 2017), mesmo territórios onde usos e apropriações, saberes e fazeres culturais locais ganham certo estigma de marginalização. Para barrar este estigma e valorizar o que vem da periferia e seu efeito endógeno, de dentro para fora, identificam-se bens que podem ser tratados como *patrimônio-territorial* em uma determinada localidade, em consonância com o olhar do *sujeito-patrimônio*³, aquele que vive e tem o maior conhecimento tanto da história do lugar como das atividades-potenciais ocorridas.

Em conformidade com Costa (2016, p. 7),

[...] o patrimônio-territorial resgata, situa e ressignifica, espacialmente, o que resiste na América Latina: do índio sacrificado, do negro escravizado, da mulher oprimida,

³ Segundo o debate teórico-metodológico de Costa (2017, p. 71) o sujeito-patrimônio “remete a todos os viventes no sítio, pois são os responsáveis diretos pela manutenção do lugar e da vida. Ele representa a possibilidade mais real da preservação, da luta ou da resistência no sítio de pertencimento”.

da cultura popular desprestigiada, dos recursos territoriais expropriados, ou seja, aquela “face oculta” da modernidade.

Vale ressaltar que o *patrimônio-territorial* é uma saída à *patrimonialização global*⁴, esta que ressignifica lugares de memórias dentro da lógica global onde a cultura popular local é produto gerador de economia externa. Para isto, Costa (2016; 2017) propõe que a criação de roteiros patrimoniais utópicos a favor de uma *preservação sinérgica* do patrimônio, que é alternativa contra a patrimonialização global e a universalização dos bens, “o utopismo *patrimônio-territorial* [...] deseja uma rede patrimonial utópica que conecte bens instituídos e não instituídos por novas centralidades culturais” (COSTA 2017, p. 55). A criação de roteiros patrimoniais utópicos é a maior aliada, pois, “reafirmam a existência periférica, ao fazerem correlação espacial de sítios distantes com monumentos e lugares de práticas culturais diversas, ou seja, a preservação a ser assumida não se resume a uma única defesa patrimonial” (COSTA, 2016, p.4).

A partir da criação de roteiros patrimoniais utópicos, e da efetivação destes, a vivência com o cotidiano é real, visto que o objetivo é “estabelecer nos lugares dos bens mundiais latinos percursos narrados por paisagens e de práticas culturais dos habitantes” (COSTA, 2016, p. 13). A lógica da criação de roteiros patrimoniais utópicos, é a inversão do centro para a periferia (centro-periferia-centro). A partir da elaboração de roteiros patrimoniais utópicos é executada a *preservação sinérgica*; para Costa (2016, p. 16):

[...] a reafirmação da existência periférica e a indicação das diferenças socioterritoriais têm na singularidade de suas expressões memoriais e culturais o potencial da preservação sinérgica do patrimônio. [...] necessitam-se territórios abertos e chegáveis para o estabelecimento de percursos narrados de paisagens e práticas dos habitantes, que podem favorecer novos projetos coletivos locais com roteiros patrimoniais utópicos.

A modernidade potencializada, de fato, favorece a preservação das coisas do passado. Costa (2016; 2017) estimula a pensar um ideal de preservação correlacional, ou seja, aquela que encoraja e incorpora o ser habitado no ato de valorar seu próprio território e fazer com que este reconheça seu valor.

Preservação sinérgica é a preservação daqueles atrativos isolados [desprezados no contexto da modernização] com o patrimônio vivo que ali reside e, sobretudo, a união dos

⁴ Costa (2015) conceitua a patrimonialização global como: “o brusco movimento universal de espetacularização e banalização pela cenarização progressiva dos lugares promovido pela dialética Estado-mercado sobre a base das técnicas, da ciência e da informação; em síntese, é um processo de ressignificação dos lugares da cultura e da natureza em escala planetária”.

sujeitos para proteger e preservar o acervo próprio. A *preservação sinérgica* tem como maior colaborador o sujeito-patrimônio, pois o morador é o maior agente detentor do seu centro, a comunidade local é detentora e presente uma vez que contrapõe a lógica global de agentes externos no território com processos de tomada de decisões. Ninguém melhor que o próprio residente para defender o seu território do cotidiano. A *preservação sinérgica* é a incorporação de pessoas de lugares subalternizados, na defesa e resistência do seu patrimônio e cultura, “é desse modo que, gerada de dentro, essa cultura endógena impõe-se como um alimento da política dos pobres, que se dá independentemente e acima dos partidos e das organizações” (SANTOS, 2009, p. 145). A sinergia é heterogênea, pois abarca todos os níveis da comunidade, sobretudo das minorias, com o foco no *patrimônio-territorial*, pois “é uma força, já que se realiza, desse modo, uma integração orgânica com o território dos pobres e o seu conteúdo humano” (SANTOS, 2009, p. 145).

A noção de sinergia, quando se trata da preservação de um patrimônio cultural, vai além do conceito e alcança o humano-social; deve ser pensado primeiro no cidadão, pois este é o maior detentor-conhecedor e gestor do seu patrimônio, já que carrega em si toda a memória e as marcas da resistência de seu território, “a comunidade é, em verdade, a gestora-empresendedora e a beneficiária real [...], a representante protagonista da formação territorial [...] nesse novo processo de valoração espacial da cultura nas periferias” (COSTA, 2017, p. 68). Este modo de preservação é a comunidade local envolvida nas ações e práxis do seu centro fazendo usufruto de seus bens patrimoniais históricos, por isso a noção humana-social porque é no território que se dá às relações. Exemplo de prática integradora do povo e o meio é o programa de educação patrimonial, que já acontece na cidade de Planaltina e leva crianças de escolas mais distantes do centro histórico para conhecer a formação histórico da cidade e, conseqüentemente, desperta o sentimento de pertencimento no indivíduo⁵.

⁵ Informação colhida pela autora em trabalho de campo em profundidade no centro histórico de Planaltina em novembro de 2018.



Imagem 7: Crianças da rede pública de Planaltina em visita guiada no Centro Histórico de Planaltina.
Fonte: Acervo pessoal.

Para se alcançar a *sinergia* esperada de preservação do patrimônio, é necessária a sistematização do conhecimento popular local por meio de catálogos, palestras tudo de forma clara e feita a partir de crianças até alcançar os adultos, uma espécie de “pirâmide invertida”. O turismo, como será tratado, pode ser um forte aliado na construção e execução dessa sinergia, pois o mesmo pode agregar valores e ser uma forma de instruir, aqueles que ali vivem, a olhar a seu centro e resistir para que não acabe e possa se tornar um atrativo rico para a formação histórico-memória, pois como trata Brusadin (2012), o turismo pode ser tratado como alternativa de difusão e promoção cultural.

3. ATIVAÇÃO POPULAR DO PATRIMÔNIO-TERRITORIAL NO CENTRO HISTÓRICO DE PLANALTINA - DF

A construção metodológica da pesquisa se findou na proposta de Costa (2017), onde o autor expõe formas de analisar, mapear e sistematizar o *patrimônio-territorial*. O autor traz, também, o turismo como um possível aliado na ativação popular do *patrimônio-territorial*. A ativação popular do *patrimônio-territorial* tem como maior objetivo a valorização e o enaltecimento de comunidades e lugares segregados pelas atrocidades do mundo moderno capitalista.

3.1. Aspectos metodológicos

O mapeamento de bens que podem ser tratados como *patrimônio-territorial* é feito a partir do olhar e eleição da comunidade local, pois o mesmo enfatiza o que tais grupos elegem como patrimônio (COSTA, 2016). Durante a realização da pesquisa de campo, foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas aos moradores do centro histórico, no modelo “bola de neve”⁶, de modo que estes indicavam mais pessoas para aplicação do questionário. No decorrer das entrevistas, era notável a tristeza dos moradores ao falar do abandono e descaso do governo com seu patrimônio, no entanto, a grande maioria se mostrou interessado no objetivo geral da pesquisa, pois assinala esperança de melhoria na gestão do sítio.



Imagem 8: Aplicação de entrevistas, sede da AACHP⁷.

Fonte: Acervo pessoal.

⁶ O modelo “bola de neve” se refere a uma forma de amostra não probabilística, onde um determinado entrevistado indica outros entrevistados e assim sucessivamente até a pesquisa atingir seu ponto de saturação (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

⁷ AACHP é a sigla para Associação dos Amigos do Centro Histórico de Planaltina. AACHP é, hoje, a maior e principal responsável pela manutenção e ocupação do espaço público do centro histórico com arte e atividades/eventos de lazer.

Após a aplicação das entrevistas, todas foram transcritas e analisadas paralelamente com a teoria metodológica de Costa (2017) e os conceitos debatidos do mesmo autor para elaboração da cartografia de visualização destes bens, de modo a entender o valor agregado pela comunidade e a possível refuncionalização para usufruto em diversos fins.

Todos os objetivos foram alcançados e a maior dificuldade na construção teórico-metodológico da pesquisa foi em encontrar documentos públicos a respeito da formação da cidade e de sua real história (o que ocorre, em certa medida, pelo pouco tempo de uma monografia). Nesse caso, as informações orais ou entrevistas com os moradores foram importantes instrumentos para compreender tal formação e vislumbrar a situação atual em que a se encontra.

3.2. O patrimônio-territorial no centro histórico de Planaltina - DF

O centro histórico de Planaltina é uma espécie de “museu a céu aberto”; nele se encontra casarios, ruínas, feiras de artesanato, idosos que usam o espaço para encontros, igrejas *etc.* Os bens mapeados como *patrimônio-territorial* foram: a Casa do Idoso (imagem 9), o Museu Histórico e Artístico de Planaltina (imagem 10), o Casarão da Dona Negrinha (imagem 11), a Casa de Câmara e Cadeia ou Casa do Artesão (imagem 12), a Praça Cel. Salviano Monteiro Guimarães (imagem 13), bem como a Praça São Sebastião (imagem 14), que é palco de grande parte das atividades culturais existentes na cidade. De acordo com Costa (2016; 2017), a importância destes bens mapeados é a relação do povo com ele, visto que o *patrimônio-territorial* resgata, ressignifica a comunidade local e pondera o que resiste.

A Casa do Idoso, para além do edifício material, é um centro comunitário de encontro e lazer para os idosos da cidade, onde ocorrem diversas atividades como danças e oficinas de artesanato – é este uso fundamental que configura o *patrimônio-territorial*. A Imagem 9 mostra idosos reunidos em frente à Casa do Idoso em um momento de lazer e distração.



Imagem 9: Idosos na “Pracinha do Museu” em frente à Casa do Idoso.

Fonte: Acervo pessoal.

O Museu Histórico e Artístico de Planaltina é um bem instituído em âmbito federal e a população o tem como marco de memória e resistência por causa de toda história que o bem carrega. O Museu é palco de exposições de artes e, também, de móveis da época antiga. Percebe-se que é um grande potencial de um turismo consciente para interessados em conhecer a história do local. O ideal de turismo seria aquele onde moradores da cidade se interessem em passar seu conhecimento a turistas e visitantes, o morador como um “guia local” do Museu. O acervo do museu e a intencionalidade inerente à sua exposição conforma tal *patrimônio-territorial*.



Imagem 10: Museu Histórico e Artístico de Planaltina.

Fonte: Acervo pessoal.

O *patrimônio-territorial* é tudo aquilo que a comunidade tem referência e o Casarão da Dona Negrinha é o principal e que mais chama atenção, pois o mesmo, ainda que quase em ruínas, é lembrado e querido pela comunidade local. A Associação dos Amigos do Centro Histórico de Planaltina (AACHP), por diversas vezes, tentou fazer usufruto do bem histórico, mas sem sucesso, pois não se sabe a origem e não existe incentivo das autoridades locais em promover o bem. O casarão, pela sua arquitetura, chama a atenção dos que vêm de fora e como a população planaltinense é atuante nas atividades do centro, ele seria útil para uma possível “casa de cultura” ou uma “biblioteca comunitária” para valorizar e mantê-lo de pé, uma vez que “a cultura e os bens patrimoniais são autênticos na medida em que se comunicam e permitem aos indivíduos a realização de experiência de reconstrução do passado e projeções do futuro” (DENCKER, 2012, p.154).



Imagem 11: Casarão da Dona Negrinha.

Fonte: Acervo pessoal.

Outro *patrimônio-territorial* mapeado foi a Casa do Artesão, que teve sua peculiaridade, mesmo que um pouco distante dos outros, por causa de todo imaginário urbano e memória que o bem traz. Na Casa do Artesão funciona uma espécie de oficina onde é produzida artesanatos que são expostos em feiras locais de Planaltina e de Brasília, como a Feira da Torre de TV, localizada no Plano Piloto. Moradores conscientes da preservação do mesmo têm o desejo em mantê-lo vivo, mas a realidade é outra, pois o mesmo já se encontra em ruínas. A população acredita que, caso o bem venha a se institucionalizar e se refuncionalizar como um pólo de artesanato e cultura, as pessoas darão mais importância e valor ao bem de forma que se mantenha de pé.



Imagem 12: Casa de Câmara e Cadeia ou Casa do Artesão.
Fonte: Acervo pessoal.

A Praça Cel. Salviano Monteiro Guimarães é o maior atrativo mapeado. Conhecida como “Pracinha do Museu”, é palco de grande parte dos acontecimentos culturais ocorridos no centro histórico. A praça fica no centro e, ao redor, conta com os outros casarios aqui mencionados como o Museu Histórico e Artístico de Planaltina e a Casa do Idoso. A praça é um ponto de encontro da comunidade para lazer e distração, ou seja, é um espaço público ativado já como um *patrimônio-territorial* (COSTA, 2018). A “Feira da Pracinha do Museu”, que acontece aos segundos domingos do mês, é um espaço onde o povo se encontra e enaltece a cultura local uma vez que são comercializados produtos culturais locais, como artesanatos e alimentos orgânicos de produção local. Geralmente no dia da feira também ocorre mostra cultural de artistas locais.



Imagem 13: Praça Cel. Salviano Monteiro, famosa “pracinha do Museu”.
Fonte: Acervo pessoal.

Diz Costa (2018, p. 20) sobre o espaço público ativado como potencial de preservação (Pp):

[...] activar el espacio público como Pp, además de mitigar R (riesgos) para el patrimonio, significa hacer cultura y política por la apropiación incondicional de la ciudad. Además, la interacción espacio público activado, patrimonio y monumentos potencializa el imaginario y la práctica de movilización social y el derecho a la ciudad por la apropiación efectiva del espacio⁸.

O autor trata ainda que o enaltecimento do espaço público ativado significa entender a realização da vida social cotidiana, o que é fundamental para operar a conexão territorial afetiva dos bens patrimoniais pela população e/ou pelos turistas (COSTA, 2018, p. 19). Ou seja, o uso dos bens patrimoniais por meio do povo se torna um lugar com vida e resistência de modo que estigmas são mitigados e as culturas são valorizadas. O estudo do território permite verificar a forma como a sociedade produz e se organiza pelo seu uso, a partir das ações realizadas por sujeitos em função de seus interesses (SOUZA, 2020).

Por fim, outro bem mapeado foi a Praça São Sebastião, que também é palco de feiras de artesanato e de produtos orgânicos. Mas destaca a oralidade dos moradores ao ressaltar a resistência e luta contra a modernidade que é a Igreja São Sebastião que foi edificada no nascimento do Arraial Mestre D'Armas e que hoje é atual Planaltina.

⁸ Costa (2018) analisa os principais riscos (R) e potenciais de preservação patrimonial (Pp) na América Latina. No artigo, o autor trata os problemas originados do risco (R) e a gestão deste colocando o potencial de preservação (Pp) do *patrimônio-territorial* como alternativa em sete países da América Latina e Caribe. TRADUÇÃO: [...] ativar o espaço público como Pp, além de mitigar R (riscos) para o patrimônio, significa criar cultura e política para a apropriação incondicional da cidade. Além disso, a interação do espaço público, patrimônio e monumentos ativados potencializa o imaginário e a prática de mobilização social e o direito à cidade por meio da apropriação efetiva do espaço.



Imagem 14: Praça São Sebastião.

Fonte: Acervo pessoal.

Logo, constata-se que a comunidade local é orgânica e a forma que encontra para resistir e lutar pelo seu centro histórico são as feiras nas praças, as mostras culturais e de arte, práticas de esportes, ou seja, a ocupação do espaço público: “enaltecer el espacio público activado como Pp significa entender la realización de la vida social cotidiana en el sitio patrimonial y el entorno” (COSTA, 2018, p. 19). O povo residente se sente pertencente e sabe que a manutenção desses bens é para uso próprio local. O mapeamento do *patrimônio-territorial* é fator para obter a sinergia de preservação desse centro a partir do povo local trabalhando em prol do seu meio e história. Em uma entrevista cedida à autora, quando questionado sobre a preservação do centro histórico de Planaltina, percebe a consciência da comunidade local: “uma cidade sem história morre. Já pensou se deixasse derrubar todo esse centro histórico aqui? Ia ficar um lugar comum, não ia ter essa característica peculiar assim, só ia ter prédio e casa moderna”⁹.

O centro histórico de Planaltina a ser tratado como *patrimônio-territorial* do Distrito Federal objetiva elevar o sentido de lugar da gente, da população que usa e se apropria, que vive conflitos neste setor do DF, e descentralizar o Plano Piloto como o *único* centro preservado.

⁹ Entrevista cedida à autora, por M., 55 anos, que mora e trabalha no centro histórico.

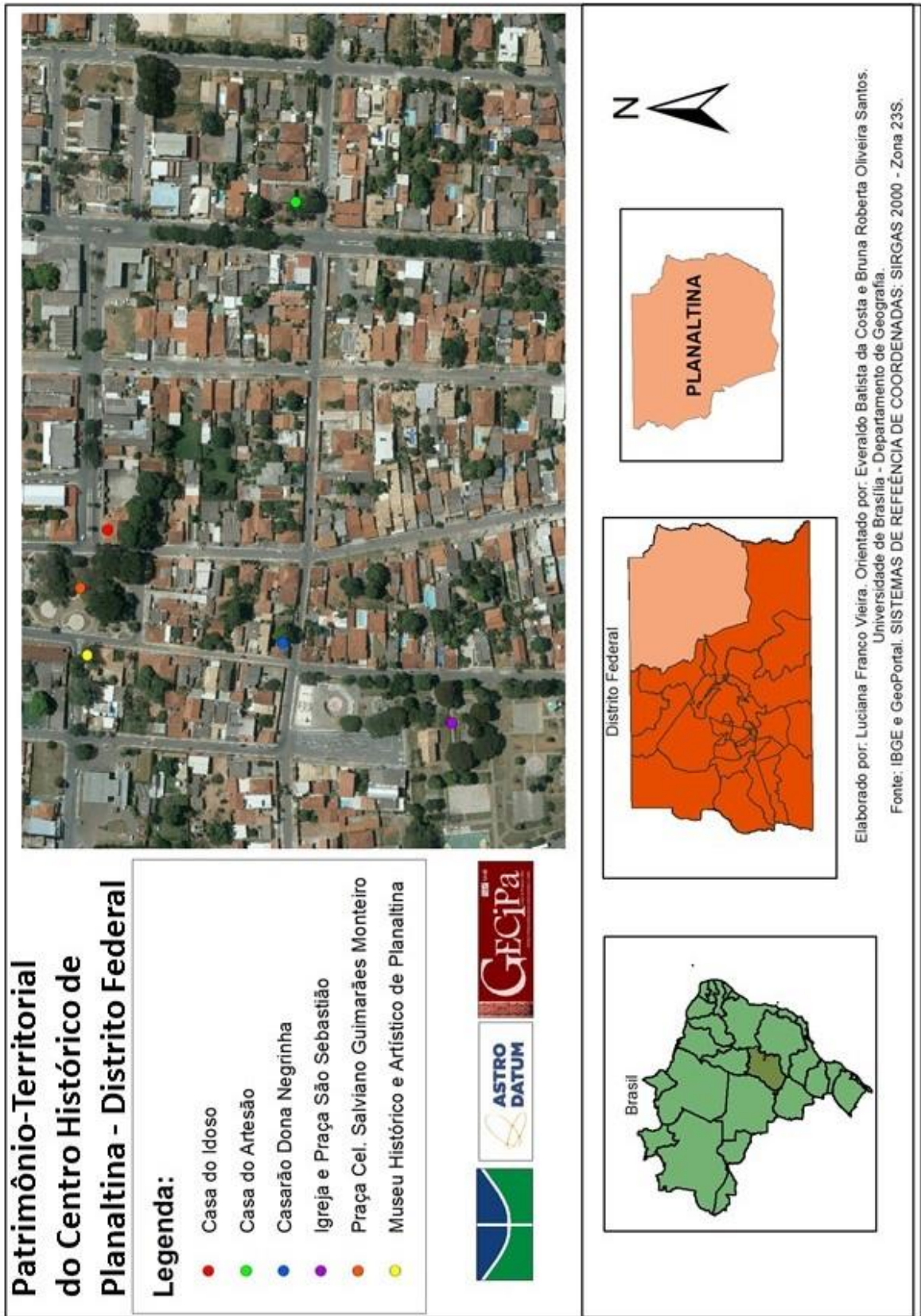


Imagem 15: Patrimônio-territorial do centro histórico de Planaltina - DF.
Fonte: AstroDatum Empresa Jr. do Departamento de Geografia da UnB.

O mapeamento dos bens resultou na imagem 15 onde todos foram colocados nessa cartografia. O *patrimônio-territorial* é dado pela oralidade e apontamento da comunidade local e a ilustração faz com que os moradores possam enxergar e valorar o seu rico patrimônio local. Além do mais, a figura é uma forma de fazer com que haja uma educação patrimonial local através da representação dele. O mapa foi construído através do apoio da Empresa Jr. Do Departamento de Geografia da UnB e contou com a ajuda da comunidade local de Planaltina para eleição dos bens que seriam ilustrados e apontados.

Os bens mapeados na imagem 15 estabelecem um diálogo entre os moradores ao ver o bem que faz parte da sua memória e identidade o que corrobora com a preservação desse meio. Já a atividade turística, com a ilustração se dá de forma mais rica pois parte do apontamento dos moradores com o seu meio. “Aqui, preservação, conservação e restauro se encontram com a ética. A ética como manutenção da vida, a ética com relação a vida no planeta” (SOUZA, p.13).

4. TURISMO E PRESERVAÇÃO SINÉRGICA NO CENTRO HISTÓRICO DE PLANALTINA - DF

Neste ponto, não cabe analisar o turismo como vilão ou herói do patrimônio planaltinense, mas sim, como um fenômeno agregador e integrador da cultura local, onde a comunidade seja a maior beneficiada e empreendedora dos bens. A prioridade é a existência material e simbólica da comunidade e não como atividade econômica que sobrepõe as alteridades culturais (BRUSADIN, 2012). Vale ressaltar que a ideia de turismo trazida pela autora foi entendida de acordo com a pesquisa de campo, ocorrida no ano de 2018, juntamente com a coleta e análise da oralidade dos moradores contida nas entrevistas.

Analisando as entrevistas colhidas, é notável o desejo do morador com relação a atividade na cidade pois o turismo traz benefícios como valorização cultural, possível economia e, sobretudo, a preservação e manutenção do patrimônio local, “essa forma de turismo justifica, de fato, os esforços que tal manutenção e proteção exigem da comunidade, devido aos benefícios socioculturais e econômicos que comportam para toda a população implicada” Conselho Internacional de Museus - Icom (2010 *apud* BRUSADIN, 2012, p. 199). Durante a entrevista de campo, em uma das entrevistas, uma das moradoras¹⁰, que frequenta o centro histórico todos os dias para trabalhar, relata que a Pracinha do Museu, por exemplo, é um ponto de encontro e convivência entre os moradores e que é a favor do turismo para que o espaço se torne reconhecido e valorado, bem como para que o seu restaurante e o sabor de sua comida se torne reconhecida. Ou seja, o turismo, sobretudo, traz a ideia de “salvador” do patrimônio e valorização do centro histórico de Planaltina.

A ideia é um turismo que promova e valorize seu rico patrimônio histórico cultural material e imaterial, a fim de aproximar a comunidade através do turismo na cidade de modo a preservar sua essência, de acordo com os bens mapeados. Por isso, não se faz necessária a segmentação da atividade visto que é um desejo dos planaltinenses para preservação do seu meio e manutenção e resguardo de sua história, identidade e peculiaridade no contexto de Brasília modernista. Um turismo consciente e calcado no território e nas relações que este dá, tem potencial transformador e agregador, o turismo é, antes de tudo, um uso do território onde práticas histórico-sociais são o centro. A atividade de forma endógena se desenvolve através da organização social e da solidariedade do povo com o meio e, posteriormente dos fatores externos. Afinal, o turismo é só mais uma das inúmeras formas de ocupação do

¹⁰ Entrevista cedida à autora por D. T. moradora de Planaltina, proprietária do autêntico restaurante “O Casarão” localizado na Pracinha do Museu.

território. Usos, abusos e valorações diversas relativas tanto ao território quanto à paisagem fazem parte do processo de turistificação.

É necessário entender a preservação do patrimônio como uma grande conservação da identidade e passado das pessoas, o turismo e a *preservação sinérgica* devem, sobretudo, atender e garantir o acesso aos espaços públicos de forma a propiciar à comunidade o lazer e a valoração de sua cultura popular. O *patrimônio-territorial* mapeado só deve ser atrativo para o turismo se antes atender à comunidade e for do interesse do grupo ativá-lo para a prática turística, como defende Costa (2017). Quando se trata de turismo, sabe-se que a atividade carrega o fato *segregação* por força capitalista, mas a depender dos agentes e atores envolvidos, pode ser transformador de realidades locais, para o bem dos moradores, de acordo com Camargo (2001 *apud* BRUSADIN, 2012, p. 198): “Passamos a conviver com essa metonímia, o patrimônio, tão importante para o turismo quanto este último fenômeno é fundamental para a preservação do patrimônio, e, contraditoriamente, para o seu próprio desaparecimento, quando gerado inadequadamente”.

Turismo é uma atividade integradora que, se gestada em prol popular, é uma forma de valoração da cultura. Segundo Moesch (2002, p. 9):

[...] o turismo é uma comunicação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição interam se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiental diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais.

Para uma prática integradora do turismo, o primeiro a ser pensado é o morador, ou seja, aqueles que residem e vivem cotidianamente com o *patrimônio-territorial* identificado e a ser ativado ou não, até porque “um turista ao fruir de um atrativo cultural por meio dos agentes locais, pode se integrar mais com a comunidade e seus elementos históricos (BRUSADIN, 2012, p. 201). A noção de turismo agregador é social, onde o sujeito localizado pode se empoderar do centro para que a prática turística não seja segregadora e focada somente nos visitantes ou turistas e, sim, voltada à população resistente consciente do valor agregado e memória que aquele bem incorpora. Brusadin (2012) destaca que o turismo não deve ser uma atividade de mercantilização da cultura e sim contemplação cultural, um espaço público que não é frequentado e vivido passa por um processo de descaso, tanto cultural, quanto relacionado à memória e é por isso que a prioridade deve ser a existência material e simbólica dos moradores e não a atividade turística econômica e global. A ideia de turismo é a de valoração de novos lugares de culturas e vivências.

Para um planejamento turístico participativo é necessário que a comunidade esteja agregada a todas as etapas da gestão e o Estado se faça presente não só em políticas públicas para o bem patrimonial, mas também para atender as demandas locais. Miranda e Silva (2013, p. 95) destacam que “o planejamento do turismo e do lazer deve estar associado a ações de desenvolvimento territorial como um todo, caso contrário, o crescimento da atividade acarretará mais impactos negativos no território do que propriamente um desenvolvimento local”. Ou seja, deve-se atender ao cotidiano e as relações da comunidade local com o respeito aos direitos, fazeres, saberes presentes no território, a dignificação da existência cotidiana que dá substrato ao atrativo.

A noção de prática turística no centro histórico de Planaltina é a de conectar ao Plano Piloto este centro rico em cultura e memórias, no sentido de atratividade e valorização cultural, e possivelmente a geração de renda. A comunidade local é a favor da atividade turística como forma de denúncia ao poder público e manutenção dos atrativos, “o turismo poderia contribuir financeiramente até mesmo para que ajude na manutenção já que o poder público não tem muito a preocupação de preservar”¹¹.

Um turismo consciente, “bem” estruturado e “bem” promovido pode transformar realidades de territórios segregados e marginalizados pela modernidade (para o bem ou para o mal). Para estruturação de um turismo consciente e/ou também sinérgico é proposta a metodologia de Costa (2017), que indica uma sistematização do conhecimento relativo ao lugar, a começar pelas crianças até chegar aos adultos, de forma a despertar a práxis de uma nova epistemologia turística (desde a academia), bem como de educação patrimonial (local), ressaltando a importância dos bens identificados e mapeados pela comunidade, entendendo o porquê de preservá-los. Para o autor, a comunidade é a protagonista de todo pensamento e toda ação.

A união de turismo e *preservação sinérgica* tem por objetivo valorar o centro histórico de Planaltina, enaltecer os saberes e fazeres situados, conseqüentemente gerar economia e renda e, sobretudo, mitigar o estigma de marginalização que a cidade adquiriu com as contradições da modernidade (e do moderno) marcada pela construção de Brasília. A sinergia esperada se dá pelo empoderamento popular local onde os moradores sintam-se encorajados a defender seu patrimônio material e imaterial, e preservar memórias, seu *patrimônio-territorial*.

Embora o turismo seja uma atividade que preza e move o capital, também é uma alternativa de valorar a localidade e enaltecer seus bens patrimoniais como forma de defesa e

¹¹ Entrevista cedida à autora, por M., 55 anos, que mora e trabalha no centro histórico.

preservação da vida. Portanto, é necessário que a comunidade esteja empenhada, ocupando os espaços públicos e trabalhando em prol da preservação para que o centro histórico não perca sua essência e possa receber a atenção necessária do Estado e da comunidade, sinergicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um centro histórico, como o de Planaltina, no contexto de modernidade, traz peculiaridades do povo resistente. Entender um patrimônio cultural dentro desse âmbito global é um exercício de empatia para um povo que tem suas relações de afetividade, crenças, identidades e cultura com seu território.

A metodologia de Costa (2017) foi usada para o mapeamento dos bens a serem tratados como *patrimônio-territorial*. A autora trouxe da metodologia somente aquilo que julgou pertinente à proposta apresentada. Os objetivos foram alcançados a contar que a comunidade de Planaltina recebeu muito bem o tema e anseia por mudança dessa realidade já que é berço de cultura do Distrito Federal. Foram realizados campos de aproximação e de profundidade da cidade. A forma de coleta de dados é composta por entrevistas semiestruturadas no modo “bola de neve”, onde um entrevistado indicava outro para a pesquisa. Foi constatado que a comunidade local é bastante conectada com o centro histórico e tem muita consciência em zelar seu patrimônio. Atualmente, a *Associação dos Amigos do Centro Histórico de Planaltina* é a maior responsável pelos eventos culturais que ocorrem no centro histórico. A oralidade dos entrevistados, de forma qualitativa, é valorizada em toda a pesquisa, pois só o morador local saberá falar a respeito do seu meio.

O *patrimônio-territorial* e a *preservação sinérgica* trabalham em conjunto contra as barbáries do século, e o turismo é uma forma de ativação deste. O *patrimônio-territorial* é uma força de ressignificação de um povo em um território, onde valora e enaltece a cultura local que, por vezes, é trazida estereotipada e com o estigma de marginalização. Por isso é dada a devida relevância ao *patrimônio-territorial*, pois este traz sentido e ponderação a esses sujeitos que por décadas carrega as marcas da colonialidade. E a noção de *preservação sinérgica* e turismo é dada pela valorização do morador autóctone, uma vez que um turismo participativo engloba o morador local em todas as etapas do processo de planejamento, e a *preservação sinérgica* é isto, é a comunidade local apropriada e encorajada a defender seu patrimônio cultural local, não só no sentido turístico, mas na manutenção da identidade e memória.

O turismo e a ativação popular do *patrimônio-territorial* a favor de uma *preservação sinérgica* no centro histórico de Planaltina objetivou o apontamento de bens instituídos ou não para que possa contar com o turismo participativo, a fim de enaltecer o que resiste como referencial de memória espacial local. A ativação popular do *patrimônio-territorial* se dá, sobretudo, pela ocupação do espaço público, tanto que ao longo da pesquisa foi identificado

um bem que já era *patrimônio-territorial* ativado, como a Praça Cel. Salviano Guimarães Monteiro (Pracinha do Museu).

Ainda que o turismo seja um fenômeno do século global, o mesmo tem o poder de unir pessoas, agregar valor e, conseqüentemente, gerar renda e economia para uma cidade. Portanto, a noção ativação popular do *patrimônio-territorial* e *preservação sinérgica* pelo planejamento de um turismo participativo objetiva agregar valor e mostrar aos viventes que seu patrimônio cultural material e imaterial deve ser valorizado e resguardado, assim, o utopismo *patrimônio-territorial* demanda outro pensamento e prática do turismo, que resista aos feitiços do capitalismo e à magia dos meios de comunicação (que divulgam um ideal de lugares e de lazer marginalizantes do *patrimônio-territorial*) (COSTA, 2017, p. 68). E o turismo deve, também, vir para gerar dinamicidade da cidade e ocupar o espaço ocioso visto que o turismo seja uma atividade de deslocamento e atratividade local.

Assim sendo, a ativação popular do *patrimônio-territorial* e a *preservação sinérgica*, por do meio turismo, traz o ideal potencial para que o patrimônio não seja destruído, perdido ou perca sua essência em uma lógica de preservação que distância o cidadão autóctone, mas sim, na lógica de agregar o morador local ao seu centro.

REFERÊNCIAS

- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve). **REMEA: revista eletrônica do mestrado em educação ambiental**, Rio Grande, v.27, p.46-60 jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3193/1855>. Acesso em: 13 mar. 2020.
- BRUSADIN, L. B. Da construção do passado à sua refuncionalização no turismo: Interfaces pelo campo museológico. *In*: COSTA, E, B; BRUSADIN, L; PIRES, M. (org.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. São Paulo: Outras Expressões, 2012, p. 193-212.
- CASTRO, M. C. de S. **Depoimento - Programa História Oral**. Brasília. Arquivo Público do DF, 1990, p. 10.
- CEBALLOS, V. G. "**E a história se fez cidade...**": a construção histórica e historiográfica de Brasília. 2005. 167p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281709>. Acesso em: 7 nov. 2018.
- CODEPLAN. **Pesquisa Metropolitana por amostra de domicílio - PMAD 2015**: Planaltina. 58p. Brasília: Codeplan, 2016. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Planaltina-2015.pdf>. Acesso em: 22 set. 2019.
- COSTA, E. B; PELUSO, M. Territórios da memória candanga na construção da capital do Brasil (1956-1971). **XII Simpurb – Simpósio Nacional de Geografia Urbana**, Rio de Janeiro, UERJ, 2013, p. 1-28.
- COSTA, E. B.; MOESCH, M. Território: locus da dádiva e núcleo da vida. *In*: BRUSADIN, Leandro Benediti (org.). **Hospitalidade e dádiva**. Curitiba: Editora Prismas, 2017, p.155-172.
- COSTA, E. B. Ativação popular do *patrimônio-territorial* na América Latina: teoria e metodologia. **Cuad. Geogr. Rev. Colomb. Geogr.**, Bogotá, v.26, n.2, p.53-75, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/2818/281852304004/html/index.html>. Acesso em: 8 nov. 2018.
- COSTA, E. B. Riesgos y potenciales de preservación patrimonial en América Latina y el Caribe. **Investigaciones Geográficas**, [S.l.], n. 96, jul. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14350/rig.59593>. Acesso em: 17 jul. 2019.
- COSTA, E. B. Utopismos patrimoniais pela América Latina, resistências à colonialidade do poder. **XIV Colóquio Internacional de Geocrítica: las utopias y la construcción de la sociedad del futuro**. Barcelona, maio 2016. Disponível em: http://www.ub.edu/geocrit/xiv_everaldocosta.pdf. Acesso em: 7 nov. 2018.
- DENCKER, M. A. F. Valor patrimonial: memória social e poder. *In*: Costa, E. B. Brusadin, L. Pires, M. (org.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. São Paulo: Outras Expressões, 2012. p. 137-155.

- FIGUEIREDO, L. C. Perspectivas de análise geográfica do patrimônio cultural: algumas reflexões. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria - RS, v. 17, n.1 p. 55-70, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/223649948739>. Acesso em: 22 jan. 2019.
- FREIRE, J. M. (2019). Patrimônio(s) cultura(is): abordagens fenomenológicas para estudos de patrimonialização. **PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades**, 2 (4), 83-99. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v2i4.22999>. Acesso em: 26 ago. 2020.
- GDF. Administração Regional de Planaltina. **Relatos de Brasília**, 1985, p. 15.
- HAESBAERT, R. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531/0>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- HOLSTON, J. **A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 199-256.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.
- LE MOS, A. I. G. (2018). Cidades, território e memória na América Latina: um olhar através de suas metrópoles. **PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades**, 1 (2), 13-28. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v1i2.9281>. Acesso em: 15 ago. 2020.
- MANETTA, A. Cidade, memória e a formação de sentidos urbanos na dialética do espaço geográfico. **RUA**, Campinas, SP, v. 23, n. 1, p. 77-91, jun. 2017.
- MIRANDA, E. A. SILVA, M. D. G. Planejamento do turismo para o desenvolvimento local. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 2, n. 2 p. 94-103, jul./dez., 2013. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbpd/article/view/3079>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- MOESCH, M. M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.
- OLIVEIRA, E. G. **Patrimônio histórico e cultural de Planaltina (DF): memória e identidade social**. 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3324>. Acesso em: 13 nov. 2018.
- OLIVEIRA, W. C. (2020). Urbanização do território como uma convergência de interesses: o caso do Distrito Federal. **PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades**, 3 (5), pp.42-57. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v3i5.25550>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, M. O dinheiro e o território. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-13, 1999. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13360/0>. Acesso em: 15 jan. 2019.

SANTOS, M. **O espaço do Cidadão**. 7ª. Ed. São Paulo: Editora da USP, 2007.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SANTOS, M. **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SILVA, E. M. **De mestre D'Armas a Planaltina: reflexão histórico-crítica sobre a fundação da cidade**. Brasília, 2016.

SOUZA, M. A. A. (2019). Território usado, rugosidades e patrimônio cultural: refletindo sobre o espaço banal. Um ensaio geográfico. **PatryTer** – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades, 2 (4), 1-17. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v2i4.26485>. Acesso em: 27 ago. 2020.

YAZIGI, E. (2019). Ensaio teórico pela patrimonialização do espaço banal: um enlace de geografia-urbanismo-sociologia-planejamento e turismo. **PatryTer** – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades, 2 (3), 01-07. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v2i3.14281>. Acesso em: 26 ago. 2020.

APÊNDICE

Apêndice I - Questionário de campo



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Preservação sinérgica e ativação popular do patrimônio-territorial em Planaltina - DF.

Questionário de campo.

Questionário de viés acadêmico para levantar e analisar o patrimônio material e imaterial do centro histórico de Planaltina - DF, para verificar o potencial de operação de uma preservação sinérgica e ativação popular de um patrimônio-territorial, a partir dos sujeitos viventes no centro e nos bairros da cidade.

IDENTIFICAÇÃO

Entrevistador:

Idade do Entrevistado:

Lugar/ local de nascimento:

Gênero:

Grau de escolaridade:

Renda: () menos de um salário () entre um e dois salários () entre dois e quatro salários

A RESPEITO DA RELAÇÃO COM PLANALTINA

I. Conhece a história do lugar? () sim () não ()

II. Vive em qual bairro?

III. Como é a vida em Planaltina? O que falta para ser uma cidade melhor?

IV. Quais as principais atividades culturais acontecem na cidade? Você frequenta quais?

SOBRE O CENTRO HISTÓRICO

- I.** Já foi ao centro histórico? () sim () não
- II.** Frequenta as festas e atividades existentes no centro histórico? () sim () não. Se sim, quais?
- III.** Quantas vezes por semana vai ao centro histórico? * 1 * 2 * 3 * mais de 4? Para que?
- IV.** O que acha do centro histórico?
- V.** Recomendaria alguém a conhecer o centro histórico? Se sim, o que?
- VI.** As pessoas em geral frequentam o centro histórico? Por quê?
- VII.** Você acha que o centro histórico é cuidado pela administração? Por quê?
- VIII.** O que é mais bem cuidado no centro histórico? O que parece ser abandonado?

SOBRE O TURISMO EM PLANALTINA

- I.** É a favor do turismo na cidade? () sim () não, porquê?
- II.** Pra você, o turismo pode ser uma forma de preservação do patrimônio existente? () sim () não, porquê ?
- III.** Conhece pessoas que vivem do turismo em Planaltina?
- IV.** Com que frequência você vê turista na cidade?
- V.** Você teria alguma sugestão para melhorar o turismo em Planaltina?
- VI.** Quais os atrativos que os turistas buscam na cidade?
- VII.** Você gostaria de trabalhar com o turismo? Em que setor?
- VIII.** Você defende a preservação do centro histórico? Por que?